



# *Isolamento em Foco*

Por: Jeanemeire Eufrásio da Silva  
([jeanemeireeu@gmail.com](mailto:jeanemeireeu@gmail.com))

## Isolamento em foco: breve ensaio em Antropologia e Sociologia das Emoções e Moralidades

**Raoni Borges Barbosa**

(PPGCISH, GEPLAT – BITS – GRUESC / UERN)

O mês de dezembro de 2020 se apresenta como o momento final de um ano praticamente perdido para muitos brasileiros que, de forma mais ou menos trágica, sentiram na pele os efeitos da pandemia (ou sindemia?) de Covid19 causada pelo Novo Coronavírus: seja na perda de pessoas próximas; na perda de emprego e de padrão econômico de consumo; e, em linhas gerais, na perda de horizontes projetivos e de certezas e seguranças até então tidas como ontológicas. De acordo com as estatísticas acessíveis nos endereços eletrônicos que informam o grande público, - como o Bing ([bing.com/covid/local/braz](http://bing.com/covid/local/braz)) ou o Covid-19 Visualizer ([covidvisualizer.com](http://covidvisualizer.com)), - a impressionante cifra de mais de 800 mil pessoas atualmente infectadas aparece no interior de um círculo ainda maior de um pouco mais de 7.2 milhões de brasileiros já marcadas por essa verdadeira peste, em sentido moral e emocional, e que por ora ceifou mais de 186 mil vidas.

O ano de 2020, com efeito, estigmatiza o cotidiano político e econômico, midiático e institucional, mas também, e principalmente, o convívio ordinário familiar e de relações entre vizinhos e amigos, com a experiência e com a vivência da perda, do fracasso, do distanciamento, do isolamento e da solidão. O uso massificado de máscaras, de álcool em gel e de outras medidas higiênicas profiláticas, - respaldas ou não pelo discurso médico e científico oficial, - impactou consideravelmente até na estética desse ano que se despede: o ator e agente social comum foi aconselhado, constrangido, envergonhado e amedrontado a tapar nariz e boca para poder comprar o pão na padaria, sacar o dinheiro no banco, atravessar a praça do bairro, adentrar as repartições públicas, comer na bodega ou no restaurante preferido, passear pelas galerias dos shoppings... escolas, faculdades e universidades, por outro lado, foram encerradas no modelo virtual das aulas e

reuniões remotas e das atividades assíncronas entre docentes e discentes; enquanto que a crise sanitária, - a peste da Covid-19, - era definida pelas instituições de saúde pública e privada como contexto emergencial de cuidados de multidões adoecidas e de enorme sentimento de fracasso em face dos corpos mortos e vidas ceifadas, mas também de árduo aprendizado e de muita pesquisa sobre o Novo Coronavírus. A imagem de hospitais superlotados (*Não há vagas!*, registra insistentemente tanto a notícia de jornal quanto a fofoca do vizinho) e de cemitérios sendo ampliados no modo de covas coletivas compreende, talvez, a representação estigmática desse ano de 2020.

A noção de estigma aqui utilizada se escora no pensamento goffmaniano sobre a ordem social como ordem moral simbólico-interacionalmente negociada no encontro entre subjetividades em jogo comunicacional. Goffman (1998) discute a normalidade da tensão no jogo interacional de enfrentamento de fachadas individuais e coletivas, assumidas e negociadas a cada enquadramento situacional, com todos os riscos e perigos inerentes aos encontros e desencontros possíveis, e jamais per si determinados, de atores e agentes sociais formando e rompendo alianças. O estigma, portanto, remete a uma estrutura simbólica e a um sistema relacional (GIDDENS, 2018) mais amplos do que a situação ou o ritual de interação imediato em que se realiza o intercâmbio linguístico face a face, mas que, cabe ressaltar, somente se expressa em todo o seu verve e colorido, densidade e profundidade moral e emocional, cognitiva e comportamental, quando do processo intersubjetivo de confronto entre ego e alter, entre o self e o mundo que o atravessa sem o definir completamente.

Goffman (2014), assim, discorre sobre o lugar social e cultural, sistêmico-relacional e simbólico-estrutural, da desculpa, da acusação, da justificação, do engano e do autoengano não somente na sociolinguística interacional, isto é, como dispositivos meramente linguísticos, mas também os enfatiza como posturas moral e emocionalmente construídas no jogo sociocultural. Jogo organizado, porém não determinado, socioculturalmente, de modo que os atores e agentes sociais tensionam seus projetos, memórias e definições de realidade em disputas morais arriscadas e imprevisíveis.

Nesse sentido, interessa a Goffman (2010, 2012, 2012a) explorar, na análise que apresenta de suas etnografias urbanas, os dispositivos linguísticos entendidos

como accounts no palco mais amplo, matizado e nebuloso da vida real cotidiana. A partir de cenas de mundos sociais distintos, como as casas de jogo e apostas, as alianças matrimoniais e as empresas de serviços nos EUA, este autor discorre sobre como atores e agentes sociais lidam com situações de perda e de fracasso, de humilhação e de rebaixamento moral, de quebra de confiança, de embaraço, de confusão e de constrangimento, colocando-se oportuna e convenientemente como vítimas de situações que concorreram ativamente para construir, mas cujo controle, por mais imaginário que real que tenha sido, parece que se lhes escapou totalmente (GOFFMAN, 2014).

O ensaio fotográfico composto por dez imagens assinado por Jeanemeire Eufrásio da Silva, intitulado *Isolamento em Foco*, busca justamente capturar e captar, no efêmero e no fugaz do momento ordinário, bem aquilo que o argumento goffmaniano acima explorado entende por situação social: aquele intrincado linguístico-contextual que estruturas sociais, culturais e de personalidade, - por mais tinta que empreguem ao macular o vazio do papel, - não explica satisfatoriamente. Matéria-prima de poetas, de amantes da fotografia, dos místicos ordinários do humor e dos eternos malandros de ocasião (BERGER, 2017), a situação social transborda toda a indicialidade etnometodológica (GARFINKEL, 2018) do cotidiano relacional e simbólico humano.

O social e a cultura, como bem aponta o ensaio fotográfico *Isolamento e Foco*, de Jeanemeire Eufrásio da Silva, demanda, portanto, para a sua explicação situacional mínima que seja, a expressão da relatabilidade reflexiva que o enquadra e o enfoca subjetivamente. Longe, portanto, de pretender esgotar os sentidos morais e emocionais das imagens aqui abordadas, este breve ensaio limita-se a sugerir possibilidades compreendidas contidas nas chaves analíticas goffmanianas do estigma, do embaraço, da perda da face e da fachada, do constrangimento e da decepção diante de um mundo que se desmorona moral e emocionalmente em regime de isolamento.

Eis, então, o foco da sensibilidade etnográfica que percebe o personagem comum em trânsito pelas calçadas de um urbano esvaziado, assim como registra o silêncio ensimesmado da família mascarada na praça 'sem ninguém.'. A terceira imagem do ensaio fotográfico, talvez a mais escatológica da coleção, sugere o olhar convencido de que a próxima breve estação em sua curva de vida será a viagem

solitária e amarga para o cemitério: quantos corpos foram assim ‘despachados’ para o jardim dos mortos, sem as devidas despedidas rituais, ao longo destes dias de peste da Covid19?

Ensimesmamento em um isolamento social aparentemente sem sentido, tal como o do idoso encerrado em sua varanda ou do senhor cabisbaixo alienado na praça escura, ou mesmo de crianças que já não mais vão à escola; e o fracasso estampado na silhueta da moça solitária ou do distante rapaz de costas para o mundo na praia deserta. Estas poderiam parecer apenas algumas janelas compreensivas para a arte de Jeanemeire Eufrásio da Silva; mas, a julgar pelas máscaras ao vento em um quintal qualquer, como apresentado na oitava imagem do ensaio fotográfico, afirma-se simbolicamente com toda a força a narrativa, - justamente por este estigma expresso na *máscara*, - de uma experiência coletiva de fracasso generalizado na forma de perda...

A perda de confiança no sistema político, por exemplo, consolidou-se recentemente em face da irresponsabilidade pública escandalosamente expressa na realização de eleições municipais que liberaram e mobilizaram energias populares para a aglomeração nas ruas. Passada a euforia liminar do momento eleitoral, volta o Estado ao seu discurso oficial caricato de monitoramento ostensivo de atividades cotidianas. A perda da confiança no sistema econômico, por sua vez, tem por indicador objetivo o elevado desemprego e o sufocante endividamento das famílias, mas também a baixa acentuada no consumo médio dos agentes econômicos e o achatamento dos horizontes projetivos das pessoas.

Distanciamento, isolamento e solidão, assim, compõem o estigma desse ano de 2020. O ano da máscara higiênica fica registrado como momento de fracasso generalizado, expresso seja no silêncio de cada mascarado, seja na dissimulada indiferença em relação aos riscos individuais e coletivos prementes na pandemia da Covid19 causada pela peste do Novo Coronavírus.

## Referências

- BERGER, Peter. O riso redentor. A dimensão cômica da experiência humana. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- GARFINKEL, Harold. *Estudos de Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 2018.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2012a.

GOFFMAN, Erving. Sobre o resfriamento da marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, p. 266- 283, 2014.

GIDDENS, Anthony. *Problemas Centrais em Teoria Social: Ação, estrutura e contradição na análise sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - jeanemeireeu@gmail.com, Mossoró, 17 de maio de 2020.

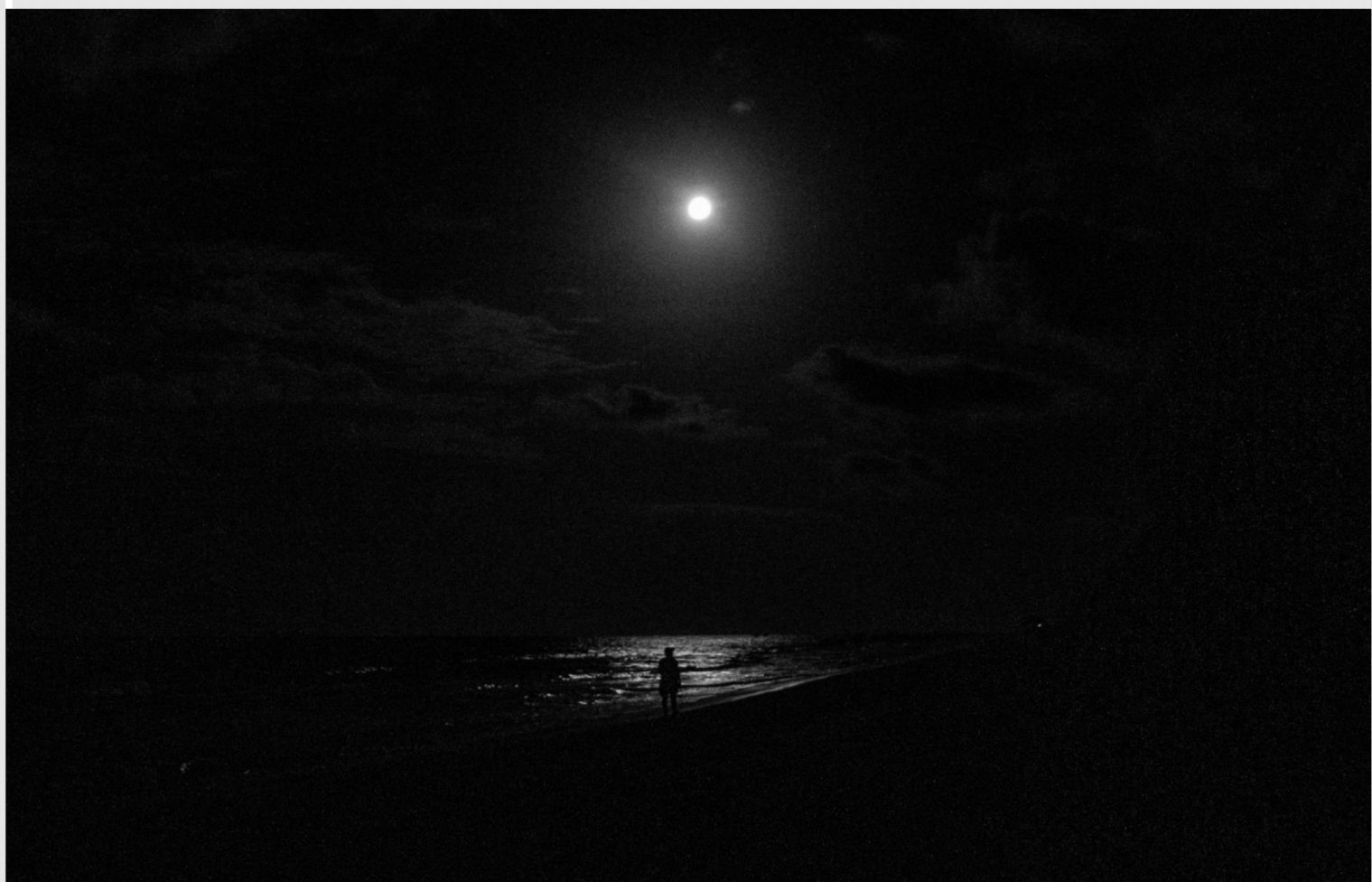


**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - [jeanemeireeu@gmail.com](mailto:jeanemeireeu@gmail.com), Mossoró, 23 de Junho de 2020.





**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - [jeanemeireu@gmail.com](mailto:jeanemeireu@gmail.com), Mossoró, 07 de março de 2020.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - jeanemeireeu@gmail.com, Icapuí, 07 de abril de 2020.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - jeanemeireeu@gmail.com, Mossoró, 17 de maio de 2020.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - jeanemeireeu@gmail.com, Mossoró, 24 de maio de 2020.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - jeanemeireeu@gmail.com, Mossoró, 15 de junho de 2020.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - [jeanemeireeu@gmail.com](mailto:jeanemeireeu@gmail.com), Mossoró, 30 de junho de 2020.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - jeanemeireeu@gmail.com, Mossoró, 14 de abril de 2020.



**Foto:** Jeanemeire Eufrásio da Silva - jeanemeireeu@gmail.com, 30 de abril de 2020.





## Jeanemeire Eufrásio da Silva

([jeanemeireeu@gmail.com](mailto:jeanemeireeu@gmail.com))

Possui Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (2016) e mestrado em Ciências Sociais e Humanas também pela UERN (PPGCISH/UERN, 2019).

Foi repórter e editora de texto da UERN TV (2019). Enquanto pesquisadora, atua nas linhas de pesquisas: feminismo, feminicídio, cinema, fotografia, sindicatos e movimentos sociais.

Foi vencedora nas duas últimas edições do *Concursos Nacional de Fotografia Cidadania em Foco* (2019 e 2020), promovido pela Corregedoria Geral da União.